



5º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional

Um diagnóstico para a inclusão social pela educação

[Avaliação de Leitura e Escrita]

AÇÃO DO IBOPE PELA EDUCAÇÃO **instituto**
paulo montenegro

 **ação**
educativa

São Paulo, 8 de setembro de 2005

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO: Fabio Montenegro

AÇÃO EDUCATIVA: Vera Masagão Ribeiro

IBOPE OPINIÃO: Márcia Cavallari Nunes

EQUIPE TÉCNICA

Maurício Garcia (IBOPE)

Paula Yamakawa (IBOPE)

Silvia Cervellini (IBOPE)

Tânia Pinheiro (IBOPE)

Waldemar Montes (IBOPE)

Mayra Moura (Ação Educativa)

Fernanda Machiaveli (IPM)

FALE CONOSCO

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO

Fone: (11) 3066-1601

ipm@ibope.com.br

www.ipm.org.br

AÇÃO EDUCATIVA

Fone: (11) 3151-2333

acaoeducativa@acaoeducativa.org

www.acaoeducativa.org

IBOPE OPINIÃO

Fone: (11) 3066-1757/1754

opp@ibope.com.br

www.ibope.com.br

APRESENTAÇÃO

No dia internacional da alfabetização, 8 de setembro, o Instituto Paulo Montenegro – ação social do IBOPE – e a ONG Ação Educativa lançam os resultados da 5ª edição do INAF – Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional.

Nessa edição, o INAF focaliza pela terceira vez as habilidades e práticas de leitura e escrita da população jovem e adulta (de 15 a 64 anos) no Brasil, possibilitando verificar sua evolução em relação a 2001 e 2003, quando o mesmo estudo foi realizado. Nos anos de 2002 e 2004, o foco do INAF foram as habilidades matemáticas.

O objetivo do INAF é oferecer informação qualificada para que a sociedade e os governos possam avaliar a situação da população quanto a um dos principais resultados da educação escolar: a capacidade de acessar e processar informações escritas como ferramenta para enfrentar as demandas cotidianas, para informar-se e seguir aprendendo ao longo da vida.

Nessa edição, além do retrato da situação geral e a caracterização dos diferentes níveis de alfabetismo, o INAF destaca resultados relativos à população jovem, de modo a verificar o alcance dos avanços recentes do sistema escolar brasileiro, assim como as potencialidades e necessidades desse segmento.

O INAF destaca também resultados que mostram quais iniciativas podem fazer a diferença, além da escola, para que o Brasil supere os grandes déficits ainda existentes no que se refere ao acesso à leitura e ao conhecimento.

Nesse sentido, é mais que oportuno lançar os resultados do INAF 2005 durante o 1º Encontro Lema - Leitura, Escrita e Matemática para Alfabetização. O Lema pretende fortalecer e divulgar iniciativas de promoção da leitura, escrita e matemática no país, envolvendo amplos setores na resolução que um problema que não é só da escola ou do governo, mas de toda a sociedade.

O QUE É O INAF?

O CONCEITO DE ALFABETISMO FUNCIONAL

A definição sobre o que é analfabetismo vem, ao longo das últimas décadas, sofrendo revisões significativas, como reflexo das próprias mudanças sociais. Em 1958, a UNESCO definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler e escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. Vinte anos depois, a UNESCO sugeriu a adoção dos conceitos de analfabetismo e alfabetismo funcional. É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Seguindo recomendações da UNESCO, na década de 90, o IBGE passou a divulgar também índices de analfabetismo funcional, tomando como base não a auto-avaliação dos respondentes, mas o número de séries escolares concluídas. Pelo critério adotado, são analfabetas funcionais as pessoas com menos de 4 anos de escolaridade.

UM NOVO INDICADOR PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

Mas será que 4 anos de escolaridade garantem o alfabetismo funcional? Na verdade o conceito é relativo, pois depende das demandas de leitura e escrita colocadas pela sociedade.

Na América do Norte e na Europa, tomam-se 8 ou 9 anos como patamar mínimo para se atingir o alfabetismo funcional. Nas últimas décadas, esses países começaram a realizar pesquisas amostrais para verificar os níveis de habilidades e usos da leitura e da escrita na população adulta. Na América Latina, o problema tem características específicas e mais complexas, entretanto, a disponibilidade de informações baseadas em pesquisas extensas é muitíssimo mais reduzida.

POR QUE UM INDICADOR NACIONAL DE ALFABETISMO FUNCIONAL?

A iniciativa de fazer um levantamento nacional sobre o alfabetismo dos jovens e adultos é inédita no Brasil. Seu objetivo é gerar informações que ajudem a dimensionar e compreender o problema, fomentem o debate

público sobre ele e orientem a formulação de políticas educacionais e propostas pedagógicas.

- Quais são as habilidades de leitura e escrita exigidas na vida cotidiana, no universo do trabalho e da participação social e política?
- Quantos anos de escolaridade e que tipo de ação educacional garantem níveis satisfatórios de alfabetismo?
- Que outras condições favorecem o desenvolvimento de tais habilidades ao longo da vida?
- Que subgrupos da população encontram-se em desvantagem e mereceriam atenção especial?
- Quais seriam as melhores estratégias para elevar as condições de alfabetismo da população?

Respostas a perguntas como essas podem orientar políticas, currículos e metodologias de ensino da educação básica. São úteis também para o desenho de políticas de educação continuada que garantam oportunidades de auto-desenvolvimento e qualificação profissional a todos os cidadãos.

A PESQUISA NACIONAL SOBRE O ALFABETISMO FUNCIONAL EM 2005: METODOLOGIA E INSTRUMENTOS

A pesquisa, realizada pelo IBOPE, utilizou uma amostra nacional, de 2002 pessoas, representativa da população brasileira de 15 a 64 anos. Em entrevistas domiciliares, realizadas entre os dias 30 de junho e 10 de julho, foi aplicado um teste – contendo tarefas de leitura e escrita relacionadas a contextos e objetivos práticos – e questionário que levantou informações sobre o *background* familiar e educacional dos respondentes e sobre suas práticas de leitura e escrita.

O intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima é de 2,2 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Só 26% da população tem domínio pleno das habilidades, mas melhora o índice dos que têm um nível básico de leitura.

Com base nos resultados do teste de leitura, o INAF classifica a população estudada em quatro níveis:

Analfabeto – Não consegue realizar tarefas simples que envolvem decodificação de palavras e frases.
Alfabetizado Nível Rudimentar – Consegue ler títulos ou frases, localizando uma informação bem explícita.
Alfabetizado Nível Básico – Consegue ler um texto curto, localizando uma informação explícita ou que exija uma pequena inferência.
Alfabetizado Nível Pleno – Consegue ler textos mais longos, localizar e relacionar mais de uma informação, comparar vários textos, identificar fontes.

Em 2001, 2003 e 2005 aplicou-se o mesmo teste a amostras semelhantes da população. Assim, é possível verificar a evolução dos resultados no período.

O percentual dos que atingem o Nível Pleno de habilidade não teve evolução significativa, mantendo-se próximo a ¼ da população estudada. Já os percentuais de pessoas na condição de Analfabetismo indicam uma leve tendência de diminuição: eram 9% em 2001 e 7% em 2005. Também se verifica um aumento, ainda que discreto, no percentual dos que atingem o Nível Básico: 34% em 2001 para 38% em 2005.

Evolução dos níveis de alfabetismo – Leitura e escrita 2001 a 2005				
	2001	2003	2005	Diferença 2001 - 2005
Analfabeto	9%	8%	7%	- 2 pp
Alfabetizado Nível Rudimentar	31%	30%	30%	- 1 pp
Alfabetizado Nível Básico	34%	37%	38%	+ 4 pp
Alfabetizado Nível Pleno	26%	25%	26%	-
Obs: Devido ao arredondamento das casas decimais, os percentuais relativos a 2005 totalizam 101%				

Quem são os brasileiros leitores e não leitores: perfil dos diferentes níveis de alfabetização

Analfabetos

No grupo dos que, segundo o INAF, estão na condição de analfabetismo, a maioria é do sexo masculino (64%), tem mais de 35 anos (77%) e pertence às classes D e E (81%). Uma boa parte deles não está ocupada (41%) e, entre os ocupados, 41% trabalham na agricultura. Parte deles (22%) não chegou a completar nem um ano de escolaridade, mas 60% completaram de um a três anos de estudo. A desigualdade no acesso a oportunidades educacionais resulta numa distribuição desigual do analfabetismo entre negros e brancos: entre os analfabetos, 66% se declaram negros enquanto 28% se declaram brancos. Outros dados relevantes sobre o perfil desse grupo são:

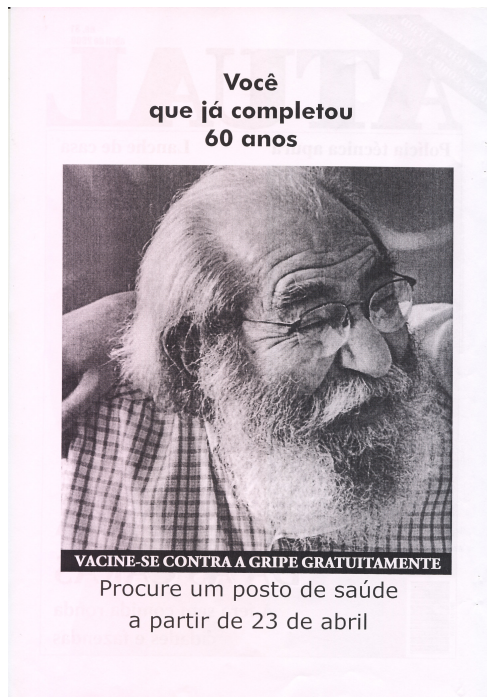
- 50% não recebem correspondência em casa;
- 38% verificam data de vencimento de produtos e lêem bula de remédio;
- 86% nunca vão ao cinema, mas 33% vão às vezes a shows e/ou espetáculos;

- 28% têm biblioteca pública a uma pequena distância (possível percorrer a pé) de casa ou do trabalho;
- 19% “lêem” algo do jornal e 12% algum tipo de revista;
- Não usam computador.

Alfabetização - Nível Rudimentar

Nesse grupo, há uma participação semelhante de homens e mulheres. Em relação aos analfabetos, aumenta a proporção entre 15 e 34 anos, passando de 23% para 39% do grupo. Quase um terço pertence à classe C e 64% às classes D e E. A taxa de ocupação desse grupo é próxima a do conjunto da população: 63%. A maior parte deles (49%) tem de 4 a 7 anos de estudo e 33% menos de três; 57% são negros, 39% brancos, 4% indígenas ou amarelos. Além disso:

- 47% recebem cartas e/ou cobranças em casa;
- 67% verificam data de vencimento e 77% lêem bula de remédio;
- 20% vão ao cinema e 43% vão a shows e/ou espetáculos;
- 41% têm biblioteca a uma distância pequena de casa ou do trabalho;
- 52% lêem alguma parte dos jornais e 48% algum tipo de revista;
- Somente 6% usam computador.



Essas pessoas só conseguem resolver as questões mais simples do teste. Por exemplo, frente ao anúncio ilustrado ao lado, sabem dizer a partir de que idade a vacinação é gratuita e a data em que começa a vacinação nos postos. Alguns deles até podem realizar tarefas de leitura um pouco mais complexas, mas a probabilidade de acerto é bem pequena.

Alfabetizados - Nível Básico

Nesse grupo, a participação das mulheres é um pouco maior que a dos homens (53% contra 47%). Também estão concentrados nas classes C (40%), D e E (45%) e a maior parcela (40%) tem de 4 a 7 anos de estudo. Outros dados a respeito desse grupo:

- 57% recebem cartas e/ou cobranças em casa;
- 41% vão ao cinema e 66% vão a shows e/ou espetáculos;
- 46% têm biblioteca a uma distância pequena de casa ou do trabalho;
- 72% lêem alguma parte dos jornais e 67% algum tipo de revista;
- 23% usam computador.

Que tarefas de leitura essas pessoas mostraram que conseguem realizar com facilidade? Por exemplo, num dos itens do teste, há uma notícia que informa que morreram num deslizamento a engenheira Maria Araújo, a médica Lucia Penteado e sua filha Alice. Ao ler a notícia, uma grande maioria dessas pessoas respondem corretamente à pergunta: Quantas pessoas morreram no acidente? Nas perguntas mais difíceis, a probabilidade deles acertarem é pequena.

Alfabetizados Nível Pleno

Como as mulheres têm, em geral, mais escolaridade que os homens, elas são maioria nesse grupo (53% contra 47%). Pelo mesmo motivo, também predominam aqui os mais jovens: 70% têm até 34 anos. Mais de um terço do grupo pertence às classes A e B e 41% à classe C. A maioria (60%) têm pelo menos o ensino médio completo, outros 25% têm de 8 a 10 anos de estudo, ou seja, no mínimo completaram o ensino fundamental. Além disso:

- 67% recebem cartas e/ou cobranças em casa e 53% recebem correspondência de banco;
- 64% vão ao cinema e 77% vão a shows e/ou espetáculos;
- 54% têm biblioteca a uma distância pequena de casa ou do trabalho;
- 83% lêem alguma parte dos jornais e 84% algum tipo de revista;
- 54% usam computador.

As pessoas nesse grupo conseguem realizar corretamente a maioria das questões do teste. Conseguem, por exemplo, localizar informações que constam de um documento para preencher um formulário. Comparando as resenhas de filmes da programação de TV, sabem reconhecer qual filme

tem o comentário menos favorável. Conseguem buscar e relacionar vários itens de informação em textos mais longos, por exemplo, uma matéria de página dupla que descreve a anatomia e os hábitos da onça pintada.

Os fatores que influenciam a distribuição do alfabetismo

Na sociedade ocidental contemporânea, a escola é a principal responsável pela inserção das pessoas na cultura letrada. Espera-se que a educação básica crie as condições para que todos os cidadãos possam participar, de forma autônoma, de uma sociedade onde quase tudo depende da capacidade de processar informação escrita: comunicar-se, informar-se, planejar, prestar contas, reivindicar, etc.

No Brasil, a escola se massificou recentemente. Quase todas as crianças têm acesso pelo menos às primeiras séries escolares. Mas as exigências quanto à alfabetização também aumentam e cada vez se faz mais necessária uma escolarização mais alongada para fazer frente às demandas do mundo do trabalho e da participação cidadã.

É fato que o Brasil realizou avanços importantes quanto à escolarização das gerações mais novas, mas o déficit educacional que herdamos do passado ainda pesa. Uma grande parcela dos adultos não pôde completar o ensino fundamental na idade apropriada, muitos jovens ainda abandonam a escola sem concluir esse nível de ensino ou sem ter consolidado algumas aprendizagens básicas como o domínio da leitura e da escrita.

A escolaridade da população brasileira refletida pelo INAF revela essa grande dívida educacional do Brasil: entre os brasileiros de 14 a 64 anos, só 47% chegaram a completar a 8ª série do ensino fundamental. Isso quer dizer que 63% não têm o nível escolar mínimo que a Constituição afirma ser direito de todos os cidadãos.

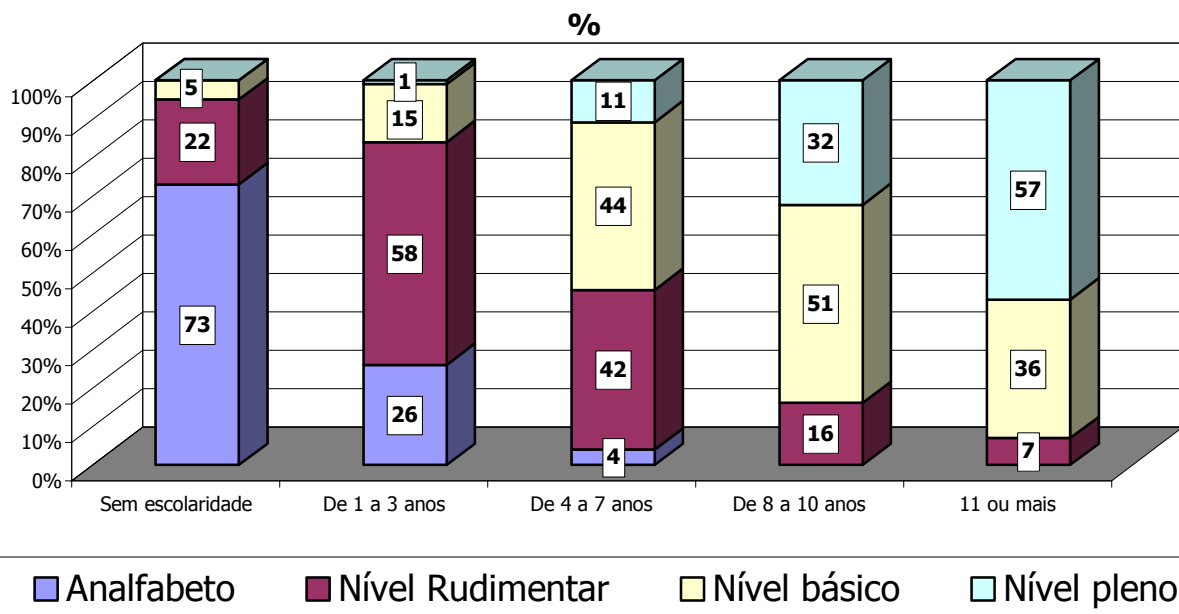
Sem a 8ª série é difícil garantir um nível pelo menos básico de alfabetização ao longo da vida.

Os resultados do INAF confirmam que, sem o ensino fundamental completo, é baixa a probabilidade de consolidar um nível pelo menos básico de alfabetização. Já o nível pleno de habilidades só é majoritário (57%) na população com pelo menos ensino médio (11 ou mais anos de estudo).

O Gráfico abaixo mostra:

- 73% dos que não completaram nenhuma série escolar são analfabetos.
- Dos que completaram 1 a 3 séries, 26% continuam analfabetos e 58% só chegam num nível rudimentar de alfabetização.
- Entre pessoas com 4 a 7 anos de estudo, predominam o nível rudimentar (42%) e básico (44%).
- Entre os que têm 8 a 10 anos de estudo, a maioria (51%) tem nível básico e 32% conseguem atingir o nível pleno.
- O nível pleno só é majoritário (57%) entre pessoas que concluíram pelo menos o ensino médio

NÍVEL DE ALFABETISMO FUNCIONAL POR ANOS DE ESTUDO



Escolaridade aumenta, mas resultados garantidos pelos níveis de ensino diminuem

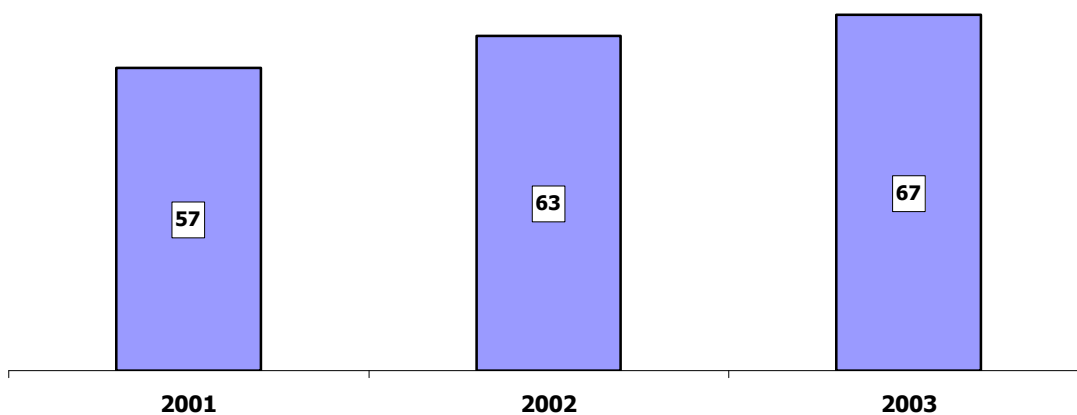
Entre 2001 e 2005 aumentou o nível educacional da população, mas os resultados em termos de aprendizagem ainda são muito limitados. Quando se analisa a evolução das médias de acerto no teste nesses anos, observa-se que só entre pessoas com menos de 3 anos de estudo houve melhora. Nos demais grupos, as médias pioraram.

	ATÉ 3 ANOS DE ESTUDO			DE 4 A 7 ANOS DE ESTUDO			DE 8 A 10 ANOS DE ESTUDO			11 ANOS OU MAIS DE ESTUDO		
ÍNDICE MÉDIO	2001	2003	2005	2001	2003	2005	2001	2003	2005	2001	2003	2005
DE ACERTOS	4,5	5,2	5,1	10,3	10,3	10,0	14,0	13,8	13,3	16,0	15,7	15,4

Analisando a população mais jovem, que se beneficiou mais diretamente dessa extensão recente da escolarização no Brasil, o mesmo pode ser observado.

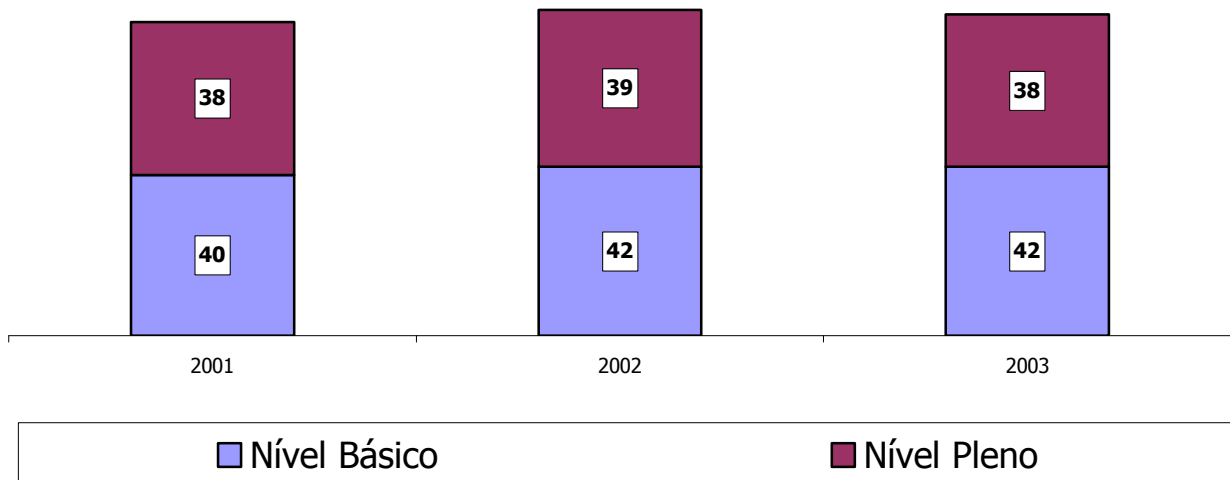
O gráfico abaixo mostra que a escolaridade da população de 15 a 24 anos aumentou de 2001 para 2005

**JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS
QUE CONCLUÍRAM PELO MENOS A 8ª SÉRIE**



Entretanto, o desempenho desse grupo nas três edições do INAF permaneceu praticamente o mesmo, como mostra este outro gráfico.

**JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS
QUE ATINGIRAM OS NÍVEIS BÁSICO E PLENO DE
ALFABETIZAÇÃO**
%



Isso mostra que, além de inserir mais pessoas na escola, é preciso investir muito mais para garantir a qualidade do ensino.

Além da escola, o que faz mais diferença?

Diferenças de perfil sócio-demográfico e geográfico

Apesar de termos observado ao longo das três edições diferenças pontuais de desempenho em alguns segmentos sócio-demográficos, a conclusão geral, confirmada por essa nova onda do INAF, é a de que outras variáveis de perfil, como sexo, idade, classe social, raça ou região de moradia não determinam desempenhos sistematicamente melhores ou piores do entrevistado no teste, se os resultados forem controlados por escolaridade, conforme demonstram os quadros a seguir:

COMPARAÇÃO DO INAF POR SEXO, CONTROLADO POR NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO – 2001/2003/2005

2001											
	TOTAL SEXO		ATÉ 3 ANOS		DE 4 A 7 ANOS		DE 8 A 10 ANOS		11 ANOS E MAIS		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Analfabeto	11%	8%	39%	37%	2%	1%	0%	0%	0%	0%	
Nível 1	34%	29%	50%	51%	46%	42%	16%	11%	8%	2%	
Nível 2	31%	36%	10%	11%	40%	46%	43%	46%	30%	29%	
Nível 3	24%	28%	2%	1%	12%	11%	41%	43%	62%	68%	

2003											
	TOTAL SEXO		ATÉ 3 ANOS		DE 4 A 7 ANOS		DE 8 A 10 ANOS		11 ANOS E MAIS		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Analfabeto	9%	7%	34%	33%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	
Nível 1	32%	28%	46%	50%	46%	39%	15%	12%	4%	3%	
Nível 2	38%	36%	19%	15%	41%	46%	49%	42%	43%	33%	
Nível 3	21%	29%	0%	3%	11%	14%	34%	45%	53%	64%	

2005											
	TOTAL SEXO		ATÉ 3 ANOS		DE 4 A 7 ANOS		DE 8 A 10 ANOS		11 ANOS E MAIS		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Analfabeto	9%	5%	37%	24%	5%	2%	0%	0%	0%	0%	
Nível 1	30%	30%	49%	60%	41%	44%	19%	14%	8%	6%	
Nível 2	36%	39%	14%	14%	44%	43%	47%	55%	35%	37%	
Nível 3	25%	27%	0%	2%	10%	11%	34%	31%	58%	57%	

COMPARAÇÃO DO INAF POR IDADE, CONTROLADO POR NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO – 2001/2003/2005

2001												
	TOTAL IDADE				ATÉ 8 ANOS				9 ANOS OU MAIS			
	15-24	25-34	35-49	50 +	15-24	25-34	35-49	50 +	15-24	25-34	35-49	50 +
Analfabeto	3%	5%	12%	19%	5%	8%	16%	21%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	19%	30%	35%	49%	29%	40%	43%	53%	7%	6%	3%	16%
Nível 2	40%	34%	33%	22%	45%	36%	33%	21%	34%	30%	32%	29%
Nível 3	38%	31%	20%	11%	21%	16%	7%	5%	60%	64%	65%	55%

2003												
	TOTAL IDADE				ATÉ 8 ANOS				9 ANOS OU MAIS			
	15-24	25-34	35-49	50 +	15-24	25-34	35-49	50 +	15-24	25-34	35-49	50 +
Analfabeto	1%	5%	10%	20%	2%	7%	12%	22%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	18%	25%	38%	45%	29%	32%	45%	51%	5%	7%	7%	0%
Nível 2	42%	41%	36%	25%	45%	42%	35%	22%	39%	37%	40%	46%
Nível 3	39%	29%	16%	10%	24%	18%	8%	5%	56%	56%	53%	54%

2005												
	TOTAL IDADE				ATÉ 8 ANOS				9 ANOS OU MAIS			
	15-24	25-34	35-49	50 +	15-24	25-34	35-49	50 +	15-24	25-34	35-49	50 +
Analfabeto	3%	3%	10%	14%	6%	6%	13%	17%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	17%	28%	35%	45%	29%	40%	44%	51%	6%	11%	7%	10%
Nível 2	42%	40%	37%	28%	46%	42%	36%	27%	39%	37%	42%	32%
Nível 3	38%	29%	18%	13%	19%	12%	7%	6%	55%	52%	51%	58%

COMPARAÇÃO DO INAF POR TIPO DE SETOR, CONTROLADO POR NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO – 2001/2003/2005

2001										
	TOTAL SETOR		ATÉ 3 ANOS		DE 4 A 7 ANOS		DE 8 A 10 ANOS		11 ANOS E MAIS	
	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL
Analfabeto	7%	19%	35%	43%	1%	3%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	29%	41%	53%	45%	43%	48%	13%	13%	4%	14%
Nível 2	34%	29%	11%	10%	44%	40%	43%	50%	29%	43%
Nível 3	30%	11%	1%	2%	12%	10%	43%	37%	67%	43%

2003										
	TOTAL SETOR		ATÉ 3 ANOS		DE 4 A 7 ANOS		DE 8 A 10 ANOS		11 ANOS E MAIS	
	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL
Analfabeto	6%	16%	31%	38%	1%	3%	1%	0%	0%	0%
Nível 1	29%	33%	51%	41%	44%	38%	13%	16%	4%	0%
Nível 2	37%	38%	16%	21%	43%	46%	46%	43%	36%	63%
Nível 3	28%	13%	2%	0%	12%	13%	41%	41%	60%	37%

2005										
	TOTAL SETOR		ATÉ 3 ANOS		DE 4 A 7 ANOS		DE 8 A 10 ANOS		11 ANOS E MAIS	
	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL
Analfabeto	6%	14%	29%	36%	3%	4%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	27%	42%	54%	53%	41%	48%	16%	24%	7%	3%
Nível 2	38%	34%	15%	11%	44%	42%	51%	47%	35%	55%
Nível 3	29%	10%	2%	0%	12%	6%	33%	29%	58%	42%

COMPARAÇÃO DO INAF POR REGIÃO, CONTROLADO POR NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO – 2001/2003/2005

2001																				
	TOTAL REGIÃO				ATÉ 3 ANOS				DE 4 A 7 ANOS				DE 8 A 10 ANOS				11 ANOS E MAIS			
	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	
Analfabeto	15%	15%	6%	3%	49%	42%	33%	17%	1%	2%	2%	2%	0%	0%	1%	0%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	27%	35%	32%	26%	39%	50%	53%	61%	38%	44%	48%	35%	14%	12%	16%	7%	0%	5%	6%	
Nível 2	32%	29%	35%	36%	11%	6%	13%	20%	47%	45%	41%	43%	34%	53%	44%	42%	38%	22%	32%	
Nível 3	26%	21%	27%	35%	0%	2%	1%	2%	14%	10%	9%	20%	52%	35%	39%	51%	62%	73%	62%	

2003																				
	TOTAL REGIÃO				ATÉ 3 ANOS				DE 4 A 7 ANOS				DE 8 A 10 ANOS				11 ANOS E MAIS			
	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	
Analfabeto	18%	9%	5%	6%	58%	29%	28%	27%	1%	1%	1%	4%	3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	16%	31%	33%	30%	22%	48%	58%	54%	28%	36%	48%	45%	6%	18%	14%	13%	0%	1%	7%	
Nível 2	37%	39%	34%	42%	17%	21%	13%	17%	43%	50%	39%	44%	46%	43%	43%	54%	46%	43%	32%	
Nível 3	29%	20%	28%	22%	3%	2%	1%	2%	28%	12%	11%	7%	45%	39%	43%	33%	54%	56%	62%	

2005																				
	TOTAL REGIÃO				ATÉ 3 ANOS				DE 4 A 7 ANOS				DE 8 A 10 ANOS				11 ANOS E MAIS			
	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	S	NCO	NE	SE	
Analfabeto	10%	9%	5%	5%	41%	26%	31%	32%	2%	4%	4%	4%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	29%	38%	25%	29%	48%	60%	49%	55%	39%	46%	41%	43%	21%	18%	15%	14%	7%	7%	5%	
Nível 2	40%	35%	39%	36%	11%	13%	17%	11%	47%	42%	44%	45%	57%	50%	52%	45%	42%	41%	35%	
Nível 3	21%	18%	30%	30%	0%	0%	3%	3%	11%	9%	12%	8%	21%	32%	32%	41%	51%	51%	60%	

NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO – 2001/2003/2005

2001												
	ATÉ 3 ANOS			DE 4 A 7 ANOS			DE 8 A 10 ANOS			11 ANOS E MAIS		
	CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR		
Analfabeto	43%	18%	39%	1%	1%	2%	1%	0%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	38%	61%	51%	39%	42%	45%	12%	20%	12%	4%	4%	5%
Nível 2	17%	13%	9%	48%	43%	41%	39%	42%	48%	28%	41%	28%
Nível 3	2%	8%	1%	11%	15%	11%	48%	38%	40%	67%	55%	67%

2003												
	ATÉ 3 ANOS			DE 4 A 7 ANOS			DE 8 A 10 ANOS			11 ANOS E MAIS		
	CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR		
Analfabeto	33%	35%	34%	3%	0%	2%	0%	0%	1%	0%	0%	0%
Nível 1	53%	50%	46%	44%	41%	42%	11%	20%	14%	4%	6%	3%
Nível 2	14%	15%	18%	40%	47%	44%	48%	45%	44%	34%	22%	44%
Nível 3	0%	0%	2%	13%	12%	12%	41%	35%	41%	62%	71%	53%

2005												
	ATÉ 3 ANOS			DE 4 A 7 ANOS			DE 8 A 10 ANOS			11 ANOS E MAIS		
	CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR			CAPITAL PERIFERIA INTERIOR		
Analfabeto	24%	30%	32%	2%	5%	4%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Nível 1	52%	40%	56%	39%	45%	43%	16%	11%	18%	7%	6%	7%
Nível 2	24%	23%	11%	49%	40%	43%	59%	44%	49%	34%	35%	38%
Nível 3	0%	7%	1%	11%	10%	11%	25%	46%	33%	59%	59%	55%

COMPARAÇÃO DO INAF POR RAÇA, CONTROLADO POR NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO – 2001/2003/2005

2001												
	ATÉ 3 ANOS			DE 4 A 7 ANOS			DE 8 A 10 ANOS			11 ANOS E MAIS		
	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /
		Analfabeto	38%		38%	38%		1%	2%		0%	0%
Nível 1	49%	50%	58%	44%	43%	45%	12%	13%	22%	5%	3%	14%
Nível 2	12%	10%	4%	44%	42%	45%	46%	43%	36%	29%	30%	38%
Nível 3	1%	2%	0%	11%	12%	9%	41%	43%	42%	67%	66%	48%

2003												
	ATÉ 3 ANOS			DE 4 A 7 ANOS			DE 8 A 10 ANOS			11 ANOS E MAIS		
	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /
		Analfabeto	31%		35%	40%		2%	2%		3%	0%
Nível 1	54%	44%	40%	45%	40%	47%	11%	16%	20%	3%	5%	0%
Nível 2	13%	20%	13%	41%	45%	43%	42%	48%	67%	35%	39%	53%
Nível 3	1%	2%	7%	12%	13%	7%	46%	36%	13%	62%	56%	47%

2005												
	ATÉ 3 ANOS			DE 4 A 7 ANOS			DE 8 A 10 ANOS			11 ANOS E MAIS		
	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /	BRANCA	PRETA/ PARDA	INDÍGENA /
		Analfabeto	30%		31%	32%		1%	5%		3%	0%
Nível 1	55%	54%	55%	44%	42%	31%	17%	17%	11%	6%	7%	12%
Nível 2	13%	15%	14%	44%	42%	59%	48%	52%	68%	33%	40%	29%
Nível 3	3%	0%	0%	11%	11%	7%	35%	31%	21%	61%	53%	59%

Outras características de perfil e história de vida

Além das características de perfil já apresentadas, o INAF levanta informações sobre o *background* familiar dos entrevistados e sobre suas práticas de leitura e escrita para investigar quais aspectos podem estar relacionados às diferenças nas habilidades de leitura da população. Neste ano, o Departamento de Estatística do IBOPE utilizou um modelo multivariado para identificar os aspectos que têm mais influência no nível de alfabetização de pessoas com escolaridade mais baixa (até 8ª série) e mais alta (mais que 8ª série).

A análise comprovou a importância do ambiente familiar tanto para pessoas com escolaridade baixa como alta: o nível de escolaridade da mãe, a capacidade de leitura do pai e a existência de materiais de leitura na casa onde o entrevistado passou a infância estão entre os fatores mais correlacionados ao desempenho no teste.

A influência dos pais, e especialmente da mãe, nos hábitos de leitura dos entrevistados também se revela nas suas respostas sobre quais foram as duas pessoas que mais influenciaram seu gosto pela leitura. A mãe é mencionada por 41% dos entrevistados, enquanto professor ou professora é indicado por 33% e o pai por 31%.

Quem mais influenciou seu gosto pela leitura – INAF 2005	
Mãe ou responsável do sexo feminino	41%
Algum professor ou professora	33%
Pai ou responsável do sexo masculino	31%
Algum amigo ou amiga	11%
Algum outro parente	10%
Padre/ Pastor ou algum líder religioso	06%
Algum colega ou superior no trabalho	04%
Outra pessoa	04%
Ninguém	14%

Entre as práticas atuais dos entrevistados, as que têm mais peso no desempenho dos dois grupos, com escolaridade menor e maior são:

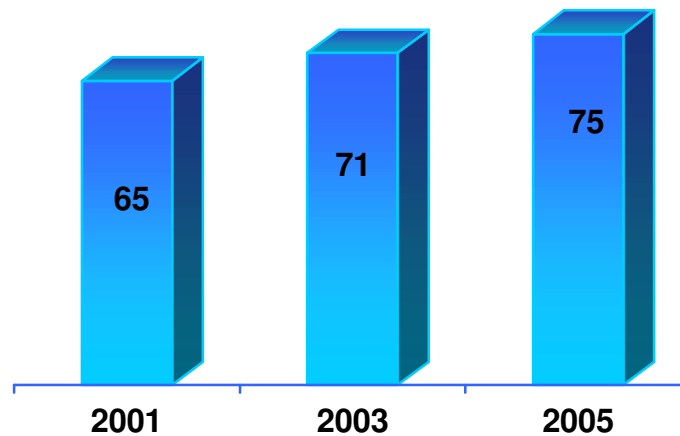
- Disponibilidade de livros, revistas e jornais em casa
- Variedade de livros que costuma ler
- Frequência a bibliotecas.
- Busca de mais de uma fonte para se informar dos assuntos da atualidade.
- Realização de cursos (extra-escolares)

A disponibilidade de livros na casa dos brasileiros.

Quase 90% dos entrevistados pelo INAF têm a bíblia ou outros livros religiosos em suas casas. Além dos livros escolares e infantis, o dicionário também já está na casa de pelo menos $\frac{3}{4}$ da população.

Livros que o entrevistado tem em casa	%
Bíblia, livros sagrados ou religiosos	89
Livros escolares	84
Dicionário	75
Livros infantis	65
Livros de receitas de cozinha	63
Guias, listas e catálogos	53
Livros de literatura/ romances	46
Enciclopédia	40

A presença do dicionário foi a que mais cresceu entre 2001 e 2005:



No geral, entretanto, a quantidade de livros presentes nos domicílios brasileiros é ainda muito pequena. Um terço dos entrevistados (33%) afirma ter menos de 10 livros em casa e 45% estimam ter de 11 a 50 livros. Só 21% estimam que em sua casa há mais de 50 livros.

Que livros os brasileiros com diferentes níveis de alfabetização lêem?

Não só a disponibilidade de livros em casa, mas também a leitura de uma maior variedade de gêneros têm um efeito positivo na habilidade de leitura. A maioria dos alfabetizados no nível rudimentar e básico não costumam ler livros (29% e 16%) ou só lêem um tipo de livro (42%), geralmente, a bíblia ou livros religiosos. Só entre pessoas alfabetizadas no nível pleno temos uma maioria de leitores que diversifica seus interesses (33% costumam ler dois gêneros e 34% três ou mais gêneros).

A bíblia e os livros religiosos são os mais lidos pelos entrevistados e essa prática não depende do nível de alfabetização. Com apoio da memória ou da leitura em grupo, mesmo pessoas com nível rudimentar de alfabetização realizam essas leituras. A tabela abaixo mostra que a leitura dos demais gêneros de livros já aparece bastante associada aos níveis de habilidade de leitura.

Gêneros de livros que os alfabetizados costumam ler – INAF 2005				
	TOTAL	Alfabetizados Nível Rudimentar	Alfabetizados Nível Básico	Alfabetizados Nível Pleno
Bíblia ou livros religiosos	45%	46%	48%	47%
Romance, aventura, policial, ficção	30%	19% ↗	32% ↗	49%
Livros didáticos	21%	16%	19% ↗	33%
Poesia	15%	12%	18%	19%
Biografia, relatos históricos	15%	9%	16% ↗	26%
Livros técnicos, de teoria, ensaios	11%	4%	9% ↗	22%
Auto-ajuda, orientação pessoal	11%	5%	9% ↗	22%
Não costuma ler livros	21%	29% ↘	15% ↘	7%

A biblioteca e a promoção da leitura

Nas edições de 2003 e 2005, o INAF perguntou aos entrevistados se já estiveram numa biblioteca e onde. O gráfico mostra que diminuiu o número daqueles que já estiveram numa biblioteca pública (de 59% para 49%), mas aumentou um pouco os que já estiveram numa biblioteca escolar (45% para 49%).

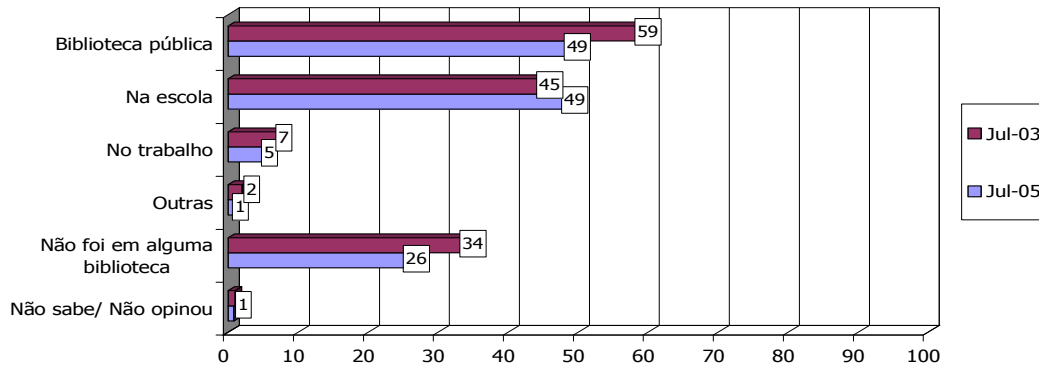
A análise multivariada dos dados do INAF mostrou que a frequência a mais de um tipo de biblioteca é um diferencial importante nos níveis de alfabetismo. É preciso que as crianças e jovens conheçam e se familiarizem com a biblioteca na escola, mas é fundamental que haja bibliotecas em outros locais, para que possam desenvolver seus hábitos de leitura com autonomia ao longo da vida.

A diminuição do número de pessoas que já foram a uma biblioteca pública e as taxas pouco significativas de pessoas que já foram a uma biblioteca no local de trabalho devem servir de alerta para orientar políticas de promoção da leitura.

Os poderes públicos devem ampliar a rede de bibliotecas públicas e melhorar suas condições de funcionamento.

As empresas podem explorar o potencial do local de trabalho como espaço de conhecimento, organizando bibliotecas que funcionem como centros de informação, aprendizagem e lazer, incentivando a leitura entre seus colaboradores.

Tipo de biblioteca em que o entrevistado já esteve alguma vez (Várias opções)

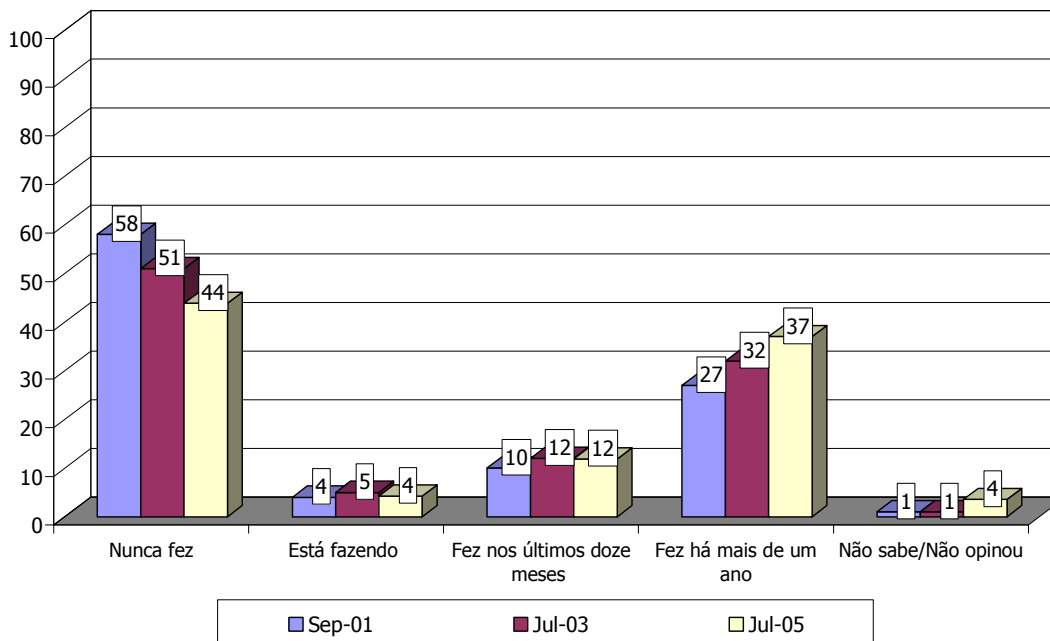


Educação continuada

A realização de cursos, para além do ensino formal, também é um fator potencial de promoção das habilidades de leitura e escrita. A educação continuada é um setor em que os países desenvolvidos têm feito grandes investimentos, conscientes de que, na sociedade contemporânea, é essencial renovar constantemente os conhecimentos.

Segundo o INAF, a frequência a cursos vem aumentando lentamente, mas ainda é uma prática muito restrita. Em 2005, ainda havia 44% de pessoas entre 15 a 64 anos que nunca tinham feito um curso, 4% estavam fazendo um curso no momento da pesquisa, 12% tinham feito no último ano e 37% tinham feito há mais de um ano.

Realização de cursos além do ensino formal



Considerando as pessoas que estavam fazendo curso ou que fizeram no último ano, o INAF 2005 apurou que os cursos de informática continuam sendo os mais procurados (26%), seguidos dos cursos de idiomas (8%). Os dados mostram também que as pessoas com nível mais alto de alfabetização são as que mais fazem esses cursos.

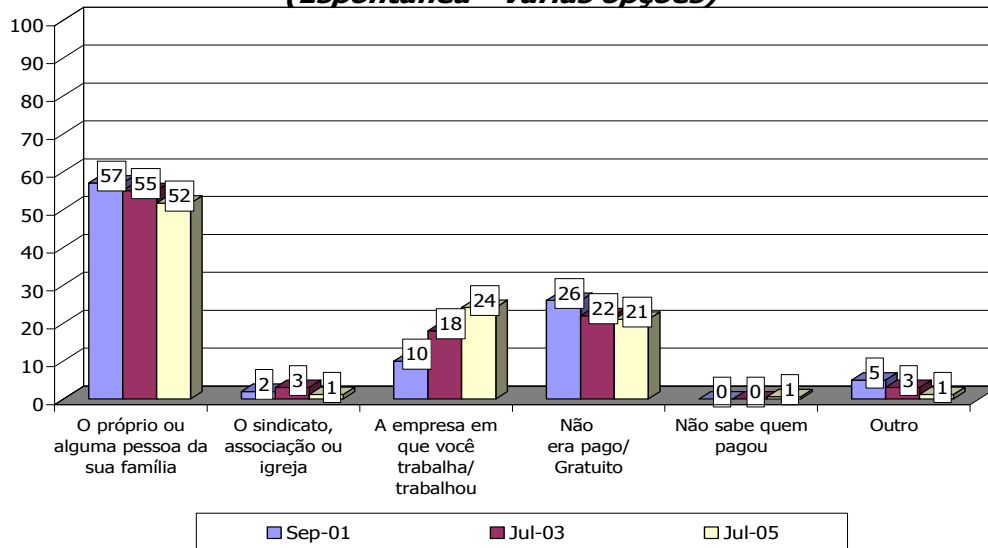
Realização de cursos, segundo o nível de alfabetização – INAF 2005

	Analfabetos	Alfabetizados nível rudimentar	Alfabetizados nível básico	Alfabetizados nível pleno
Está fazendo ou fez nos último ano	2%	6% ↗	16% ↗	32%
Fez há mais de um ano	8% ↘	28% ↘	42%	46%
Nunca fez	86% ↘	61% ↘	38% ↘	21%
Não respondeu	5%	5%	3%	1%

Na maioria dos casos, é o próprio entrevistado ou sua família que paga o curso (52% em 2005). Os dados mostram, entretanto, que vem aumentando o investimento das empresas na formação de seus funcionários, pois a proporção dos que tiveram seu curso pago pela empresa onde trabalha

aumentou de 10% para 24%. A oferta de cursos gratuitos, entretanto, diminuiu.

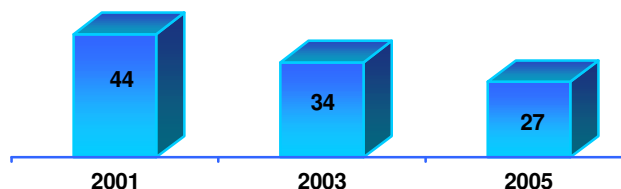
QUEM PAGOU PELO CURSO
(Somente para quem fez ou está fazendo algum tipo de curso)
(Espontânea - Várias opções)



Carta ou e-mail?

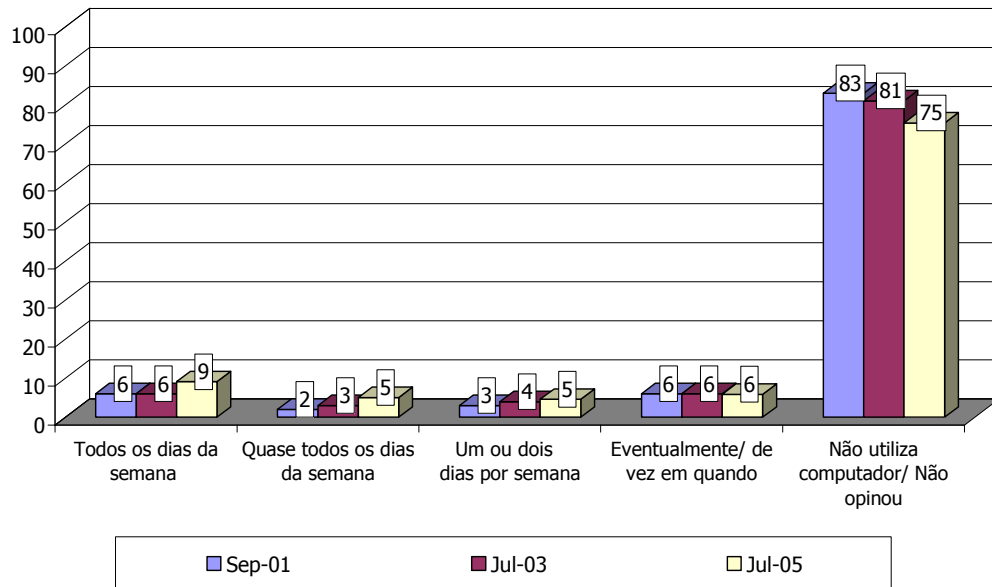
O filme Central do Brasil, onde a personagem de Fernanda Montenegro ganha a vida escrevendo cartas para analfabetos, registrou o valor dessa prática de escrita na cultura popular brasileira. Muitos programas de alfabetização de adultos registram que poder escrever e ler cartas já foi uma das grandes motivações dos que freqüentam esses cursos. O INAF mostra, entretanto, que essa prática vem diminuindo, provavelmente devido à popularização da telefonia. O aumento no acesso à Internet também deve estar relacionado a isso, mas é ainda muito restrito, especialmente entre pessoas com baixa escolaridade.

Pessoas que costumam receber correspondência de parentes e amigos (INAF 2001, 2003, 2005 %)



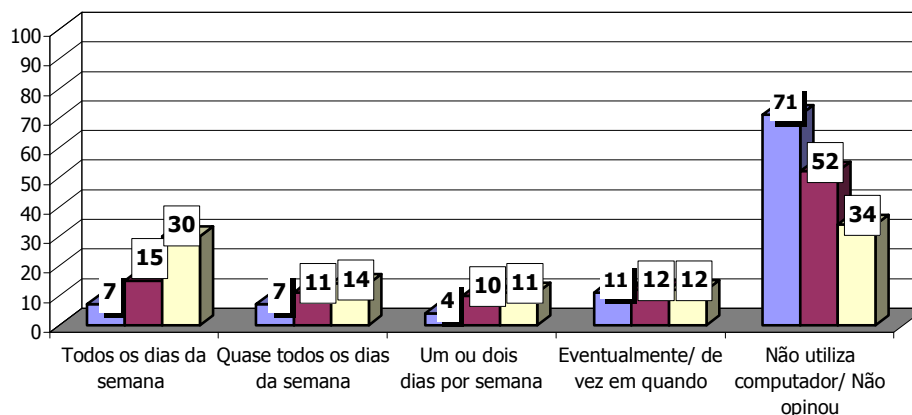
Os dados do INAF, em concordância com outros dados do Grupo IBOPE, como NetRatings, mostram que a parcela que utiliza computadores vem aumentando, mas ainda não ultrapassa 1/4 da população. Desse 1/4, 82% fazem consultas e pesquisas na Internet e 70% enviam e recebem e-mails.

EVOLUÇÃO DA FREQUÊNCIA DE USO DO COMPUTADOR



O uso do computador é inexpressivo entre os analfabetos e alfabetizados num nível rudimentar. Entretanto, entre as pessoas mais escolarizadas, onde o acesso é maior, seu uso mostrou ter uma influência destacada no desenvolvimento das habilidades de leitura.

FREQUÊNCIA DO USO DO COMPUTADOR , SEGUNDO OS NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO (Somente ensino médio e mais)



Entre pessoas que usam computador, a maioria o faz em casa ou no trabalho, em proporções que vêm aumentando. Um fato promissor para a popularização dessa importante ferramenta de leitura e escrita é que aumentou, entre 2003 e 2005, o percentual dos que usam computador em lugares públicos. Preocupa, entretanto, o fato de que o mesmo não aconteceu em relação ao uso do computador na escola ou faculdade.

Local onde faz uso do computador (só para quem usa computador ao menos eventualmente)

	INAF 2003	INAF 2005
	%	%
Em casa	49	54
No trabalho	37	40
Em locais públicos	05	13
Na escola	16	13
Na faculdade	09	09
Em outro local	18	11

Ampliando as fontes de informação

O INAF perguntou aos entrevistados quais fontes eles mais utilizam para se informar sobre assuntos da atualidade. A televisão e o rádio confirmam ser as fontes mais populares, que atingem também os que têm nível de alfabetização mais baixo. Mas as pessoas que buscam mais de uma fonte de informação são as que demonstram melhor desempenho de leitura, assim como as que costumam ler mais de um gênero de livro, já foram a mais de um tipo de biblioteca.

A possibilidade de acessar diversas fontes e formas de conhecimento se revela como uma condição necessária para promover a compreensão e a capacidade de operar com a informação.

A educação básica é o pilar de tudo isso. Mas os cidadãos e trabalhadores necessitarão, cada vez mais, ampliar e diversificar as fontes de informação e aprendizagem.